

# *O mercado de escravos em Mariana: 1850-1886*<sup>1</sup>

Camila Carolina Flausino<sup>2</sup>

## **Resumo**

O presente trabalho tem o objetivo de verificar a participação do município de Mariana no tráfico interno de escravos, entre 1850-1886, como uma forma de realocação da mão-de-obra cativa e mecanismo mantenedor da escravidão. Buscaremos identificar, com base em escrituras de compra e venda de escravos, a intensidade, frequência e sentido desse processo de transferência da população escrava de Mariana para outras regiões da província e mesmo fora dela, bem como se Mariana poderia estar atraindo mão-de-obra escrava durante essa época.

Levaremos em conta as peculiaridades da região estudada, bem como contribuir para os debates sobre a questão do tráfico interno no que se refere ao município de Mariana ser importador ou exportador de escravos.

## **Palavras-chaves**

Demografia, Tráfico interno de escravos, História de Minas Gerais.

## **Abstract**

This work studies Mariana's participation in slaves trade established between 1850-1886 to relocate slave labor and mechanisms for slavery to continue of the slavery. We will try to identify, based on records of purchases and sales of slaves, the intensity, frequency and direction of the slave population that were transferred from Mariana to other regions of the province and to outside regions. This work will also study if Mariana might have drawn slave labor during this time.

This research which belongs the field of demography and economy will consider the peculiarities concerning this region as well as give our contribution to debates on the slave trade issue during the second half of the nineteenth century in which Mariana is considered as being importer or exporters of slaves.

## **Keywords**

demography, slaves trade internal, history from Minas Gerais.

## **Apresentação**

Neste artigo, pretendemos analisar alguns aspectos sobre o tráfico interno de escravos no município de Mariana na segunda metade do século XIX, como alternativa ao fim do tráfico atlântico. Elegemos a região de Mariana como espaço, devido à sua privilegiada localização, uma vez que parte de seu território situava-se na região de antigo centro minerador, denominada Metalúrgica - Mantiqueira, e outra parte na Zona da Mata mineira, região conhecida pelo seu potencial agropastoril, como, por exemplo, o cultivo do café.

Nosso principal objetivo neste artigo é verificar, regionalmente, o alcance de uma questão geral presente na historiografia sobre a escravidão mineira, que

parte do princípio de que teriam ocorrido transferências significativas de escravos das regiões Metalúrgica - Mantiqueira para outras regiões mais dinamizadas da província e mesmo fora dela, a partir do declínio da mineração, e especialmente, ao longo da segunda metade do século XIX até as vésperas da abolição.<sup>3</sup> Isto porque, mesmo com a proibição do tráfico atlântico em 1850, a demanda por mão-de-obra cativa continuou o que fez com que os proprietários investissem no tráfico interno de escravos, tanto na forma intraprovincial (transferências ocorridas entre municípios diferentes de uma mesma província) quanto interprovincial (transferências ocorridas entre províncias diferentes).

Diante dessa discussão, buscaremos investigar se o município de Mariana teria registrado perdas ou ganhos na sua população escrava entre os anos de 1850 e 1886. Para tanto, optamos por trabalhar as freguesias que permaneceram ligadas à sede municipal ao longo dos anos em estudo, tendo como referência as obras consultadas, mas principalmente, respeitando as delimitações espaciais presentes em nossas fontes primárias. Desse modo, trabalharemos com as seguintes localidades: Nossa Senhora da Assunção da Catedral ou a Sé de Mariana, sede do município incluindo o distrito de Passagem; Nossa Senhora da Conceição de Camargos; Nossa Senhora do Nazaré do Infecionado; Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro; Nossa Senhora da Cachoeira do Brumado; São Caetano do Rio Abaixo; Senhor Bom Jesus do Monte do Furquim; Paulo Moreira; Nossa Senhora da Saúde e Barra Longa.

As fontes privilegiadas neste estudo foram as escrituras de compra e venda de escravos, presentes em dois tipos de registros notariais existentes no Arquivo da Casa Setecentista de Mariana (ACSM): cinco Livros de Registros de compra e venda de escravos e trinta Livros de Notas, ambos do 1º e 2º ofícios, que cobrem o período de 1850 a 1886. Coletamos as informações que diziam respeito às transações registradas nas localidades acima mencionadas, incluindo residentes ou não no município. Esse procedimento nos proporcionou verificar que a maioria das negociações envolvia de fato indivíduos residentes no próprio município, tanto compradores quanto vendedores. Por outro lado, os indivíduos que não tinham residência estabelecida no município também foram considerados, uma vez que podiam indicar alguma ligação com o comércio de escravos local.

Encontramos um total de 353 escrituras envolvendo 700<sup>4</sup> escravos e 20 ingênuos comercializados na região. As escrituras foram cuidadosamente coletadas e preparadas para análise através de metodologias da história demográfica, bastante profícua a exploração do tipo de fonte a que nos propomos trabalhar, proporcionando um melhor tratamento quantitativo aos dados e, conseqüentemente, seu maior aproveitamento, uma vez que nos permite estabelecer séries homogêneas, diminuindo a margem de erros.

Nessas escrituras, encontramos as seguintes informações que, posteriormente, se transformaram em variáveis em nosso banco de dados

composto no programa SPSS: data e local do registro da escritura; nome do vendedor, comprador e de seus respectivos procuradores, quando houver; cópia da procuração, em caso da existência de um procurador; sexo, inferido a partir do nome; títulos ou patentes; local de residência dos mesmos; nome, sexo, idade, estado conjugal, cor, atividade produtiva, origem, naturalidade, eventuais caracteres físicos e presença de filhos, além da forma prévia de aquisição do (s) escravo (s); preço do (s) cativo (s); observação quanto à forma de pagamento; valor recolhido pelo imposto de meia sisa; transcrição dos dados da matrícula do (s) escravo (s), a partir de 1872. Por fim, as devidas assinaturas das testemunhas e o fecho do Tabelião. Encontramos também algumas escrituras referentes a trocas e doações de escravos, mas optamos por trabalhar apenas com os registros referentes à compra e venda de escravos.

O cruzamento das variáveis acima foi de suma importância para a obtenção dos resultados apresentados a seguir, tanto no que diz respeito ao estabelecimento do perfil do escravo comercializado na região, quanto ao estabelecimento da direção e sentido desse tráfico interno de cativos, representando uma das facetas dos negócios da escravidão praticados ao longo da segunda metade do século XIX.

### **O perfil do escravo comercializado em Mariana**

No conjunto das transações por escrituras, como mostra a tabela 1, notamos que a maioria das transações, 68,0%, envolvia a venda de um único escravo por escritura: 240 casos, o que denota que o comércio de escravos na região era de pequeno porte, significando, possivelmente, apenas a reposição da escravaria a maior parte do tempo. Outras 41 escrituras (11,6%) eram relativas à venda de 2 escravos; 19 (5,4%) envolviam 3 escravos e 9 (2,6%) foram transações envolvendo 4 escravos. Como mostra os dados da tabela abaixo, as porcentagens de escrituras com maior número de escravos sendo vendidos conjuntamente tendem a cair, uma vez que fica evidente o predomínio da venda de apenas um escravo por escritura. Os registros com 6 e 9 escravos por escritura representavam respectivamente 1,4% e 1,1%. Transações envolvendo 5 e 13 escravos, representavam cada uma 0,6% do total de transações, enquanto que cada uma das escrituras envolvendo 7, 8, 10, 17, 22, 33 e 34 escravos corresponderam cada uma a 0,3% das vendas.

Investigando o destino de alguns desses grupos de escravos que foram comercializados, identificamos que o grupo dos 34 escravos saiu da Freguesia do Anta, pertencente à Ponte Nova, com destino ao próprio município de Ponte Nova, tendo sido registrado a escritura no município de Mariana, por motivo que desconhecemos. O grupo de 33 escravos teve seu vendedor residente em Mariana, porém não constava a informação do lugar de destino que lhes foi dado. O grupo de 22 escravos foi vendido de Mariana para o

município de Juiz de Fora. O outro grupo de 17 cativos foi vendido a compradores residentes na freguesia de Barra Longa, vindos do próprio município de Mariana, denotando o tráfico interno local. Por fim, o grupo de 10 escravos veio do município de Caeté para o distrito de Passagem de Mariana.

Temos ainda 24 escrituras, representando 6,8% do total, nas quais foram vendidas partes ideais dos escravos, tais como metade, terças partes, sextas partes, etc. No geral, observamos que a venda de partes de escravos era comum principalmente quando este escravo possuía mais de um dono: “(...) *sendo senhor e possuidor conjuntamente com* [nome do sócio] *de vários escravos em sociedade, tendo cada um a metade* [no valor dos escravos] (...)”<sup>5</sup> ou quando era fruto de herança: “(...) *a parte* [do escravo] *que vende recebeu* [o vendedor] *por herança em partilha de seu falecido pai* (...)”<sup>6</sup>. Nesses casos, geralmente, observamos que havia mais de um dono, de modo que havia sempre o fracionamento da parte e do valor do escravo, de acordo com o que cada um dos donos tinha direito.

Tabela 1

Distribuição das escrituras e dos escravos a partir do número de cativos transacionados em cada escritura: Mariana, 1850-1886.

| Escravos<br>por escrituras | Escrituras |            | Escravos   |
|----------------------------|------------|------------|------------|
|                            | Nº.        | %          |            |
| 1                          | 240        | 68,0       | 240        |
| 2                          | 41         | 11,6       | 82         |
| 3                          | 19         | 5,4        | 57         |
| 4                          | 9          | 2,5        | 36         |
| 5                          | 2          | 0,6        | 10         |
| 6                          | 5          | 1,4        | 30         |
| 7                          | 1          | 0,3        | 7          |
| 8                          | 1          | 0,3        | 8          |
| 9                          | 4          | 1,1        | 36         |
| 10                         | 1          | 0,3        | 10         |
| 13                         | 2          | 0,6        | 26         |
| 17                         | 1          | 0,3        | 17         |
| 22                         | 1          | 0,3        | 22         |
| 33                         | 1          | 0,3        | 33         |
| 34                         | 1          | 0,3        | 34         |
| "Menos que 1" *            | 24         | 6,8        | 52         |
| <b>Total</b>               | <b>353</b> | <b>100</b> | <b>700</b> |

\* Transações envolvendo partes ideais de escravos, tais como metade, terça parte, sexta parte, etc.

Dos 719 indivíduos considerados na tabela 2, os escravos representam 97,2% das negociações. Dos 647 escravos vendidos por inteiro (92,6% do total), 363 (56,1%) tratavam-se de escravos do sexo masculino e 284 (43,9 %) do sexo feminino. Encontramos 52 casos (7,4 %) onde foram vendidas as partes que os vendedores possuíam nos escravos negociados, sendo 36 (69,2 %) de homens e 16 (30,8 %) de mulheres, totalizando 699 escravos, onde pouco mais da metade, 399 (57,1%) cativos eram homens, enquanto as mulheres (no total de 300) correspondiam a 42,9%. A exemplo do tráfico atlântico, os escravos do sexo masculino eram preferidos, possivelmente por representarem o retorno imediato do investimento inicial de seus proprietários, o que caracterizaria o interesse na continuação do sistema escravista uma vez que os escravos masculinos eram considerados mais fortes e capazes de suportar as adversidades da lide diária, não necessitando de maiores cuidados como, por exemplo, os requisitados pelas crianças.

Encontramos ainda referência a 20 ingênuos que foram negociados acompanhando suas mães, sem serem vendidos de fato. Isso porque a lei só permitia aos proprietários o uso de seus serviços até que estes completassem 21 anos, como uma forma de “pagamento” por tê-los criado. Caso contrário, os senhores podiam optar por receberem do Estado uma indenização no valor de seiscentos mil réis (600\$000) quando estes completassem a idade de 8 anos. Os ingênuos representaram 2,8% do total da população negociada, sendo 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

**Tabela 2**  
**Distribuição das escrituras segundo o tipo de transação e sexo dos indivíduos**

| Tipo de transação     | Sexo       |            | Total        |
|-----------------------|------------|------------|--------------|
|                       | masculino  | feminino   |              |
| Escravo inteiro       | 363        | 284        | 647          |
| Escravo em "Partes" * | 36         | 16         | 52           |
| <b>Subtotal</b>       | <b>399</b> | <b>300</b> | <b>699**</b> |
| Ingênuo               | 10         | 10         | 20           |
| <b>Total</b>          | <b>409</b> | <b>310</b> | <b>719</b>   |

\*Transações envolvendo partes ideais de escravos, tais como metade, terça parte, sexta parte, etc.

\*\*Excluímos 1 caso que não foi possível identificar o sexo do escravo.

Ao separarmos os escravos segundo a década, sexo e a nacionalidade, conforme a tabela 3, percebemos que a maioria das vendas ocorreu

entre as décadas de 1860 e 1870: juntas, elas foram responsáveis pela concentração de 88,4% do total dos escravos negociados, com destaque para a década de 1860 que concentrou o maior número de negociações, 46,5%, envolvendo tanto escravos crioulos quanto africanos. De 1850 a 1859, foi negociado um percentual de 4,6% do total de escravos, ou seja, o menor percentual por nós encontrado. No mesmo sentido, durante a década de 1880, percebemos os reflexos das agitações trazidas pelos debates em prol do fim da escravidão, dado o pequeno número de negociações: apenas 6,8% de escravos foram comercializados via tráfico interno nesse período. Essa queda observada teve também grande influência da criação, em dezembro de 1880, de uma taxa no valor de dois contos de réis (2:000\$000) para cada escravo que entrasse na província mineira. Como a taxa imposta era, na maioria das vezes, superior ao valor do escravo, era de se esperar que o tráfico interno de cativos sofresse retração nesse período.

Acompanhando o desenrolar do tráfico interno em Mariana, notamos uma enorme flutuação nas negociações ao longo do período estudado. Assim, da década de 1850 para a de 1860, temos um crescimento de cerca de 910% no volume das negociações, seguida de queda de 9,4% daí para a década de 1870. Da década de 1870 para a de 1880 a queda é realmente acentuada: 85,4%.

As transações envolvendo crioulos representaram maioria: 88,4%, enquanto os africanos apenas 11,6%. Esta constatação já era esperada, pois findo o tráfico transatlântico, e com ele as entradas maciças de escravos africanos, era presumível que o número de crioulos dentre a população escrava crescesse via reprodução natural, e que a população de escravos africanos envelhecesse com o passar dos anos. Somente na década de 1850 é que a porcentagem de africanos negociados supera o de crioulos: 15,1% para os primeiros e 3,5% para os últimos. Isto porque, provavelmente, ainda havia um número expressivo de africanos adquiridos à época do tráfico internacional disponíveis para serem negociados.

Um exemplo desse envelhecimento da população cativa africana foi uma transação que ocorreu no ano de 1870, em que foram vendidas partes ideais de seis escravos de sexo masculino, sendo cinco africanos e um crioulo, pelo Alferes Antônio Emílio de Oliveira Buzelin ao Dr. João Bawden pelo preço total de um conto e trezentos e cinquenta mil réis (1:350\$000). A média de idade dentre esses seis escravos era de 54 anos, portanto, tratava-se de uma escravaria já bastante idosa, e tida como improdutiva, para os padrões servis da época. Ademais, não havia informação sobre a ocupação dos mesmos.<sup>7</sup>

**Tabela 3**  
**Distribuição dos escravos segundo as décadas, sexo e nacionalidade.**

| Décadas      | Nacionalidade |            |            |            |           |           |           |            |             |            |
|--------------|---------------|------------|------------|------------|-----------|-----------|-----------|------------|-------------|------------|
|              | Crioulos      |            |            |            |           | Africanos |           |            |             |            |
|              | H             | M          | Total      |            | H         | M         | Total     |            | Total       |            |
|              | N°            | N°         | N°         | %          | N°        | N°        | N°        | %          | N°          | %          |
| 1850-1859    | 12            | 2          | 14         | 3,5        | 6         | 1         | 7         | 13,2       | 21          | 4,6        |
| 1860-1869    | 99            | 89         | 188        | 46,7       | 18        | 6         | 24        | 45,3       | 212         | 46,5       |
| 1870-1879    | 86            | 87         | 173        | 42,9       | 16        | 3         | 19        | 35,8       | 192         | 42,1       |
| 1880-1886    | 18            | 10         | 28         | 6,9        | 2         | 1         | 3         | 5,7        | 31          | 6,8        |
| <b>Total</b> | <b>215</b>    | <b>188</b> | <b>403</b> | <b>100</b> | <b>42</b> | <b>11</b> | <b>53</b> | <b>100</b> | <b>456*</b> | <b>100</b> |

H= homem; M= mulher; N°= números. As porcentagens foram calculadas tendo como denominador o total de escravos por nacionalidade.

\* Considerando apenas escravos com sexo e nacionalidade declarados.

Os números da tabela 4 indicam que entre a faixa etária considerada produtiva, de 15 a 39, houve a maior concentração de escravos independente do sexo: 393 (59,9%) escravos, sendo 208 do sexo masculino e 185 do sexo feminino, representando respectivamente 31,7% e 28,2% do total de escravos negociados e 56,2% e 64,7% do total de escravos negociados por sexo. Os escravos de 0 a 14 anos representaram 27,1%, número bastante significativo<sup>8</sup>, e os idosos 13,0% do total de escravos negociados.

Em números absolutos, as mulheres predominaram apenas na faixa etária de 35-39 anos. Ademais, observamos a maior concentração de escravos na faixa etária de 20-24 anos, seguida pela 15-19 para ambos os sexos. A maior concentração de mulheres nestas duas faixas etárias pode ser explicada pelo fato de estas cativas estarem justamente em plena idade produtiva, o que seria um indicativo de interesse na reprodução do sistema escravista através da reprodução natural dos escravos.

Pela pirâmide etária (gráfico 1), notamos um maior alargamento na sua base, o que é indicativo de que a escravaria estava sendo renovada pela via de nascimentos. Também o investimento em mão-de-obra escrava infantil significava a 'garantia' de acesso ao trabalho escravo a "longo" prazo, e ainda favorecia um maior equilíbrio entre os sexos no caso dos escravos.

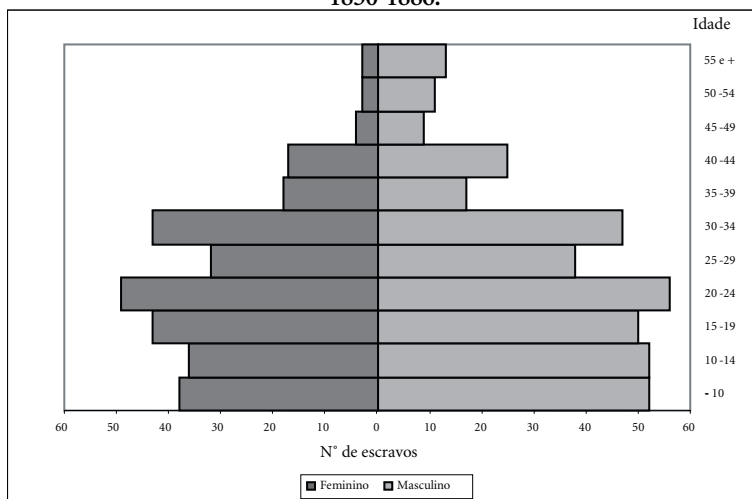
Vemos que houve certo crescimento no número de escravos nas faixas etárias de até 20-24 anos, e, posteriormente, entre 30-34 anos, quando a pirâmide começa a afunilar-se a partir de então. O número de mulheres vai diminuindo significativamente à medida que chegamos ao topo da pirâmide.

**Tabela 4**  
**Distribuição dos escravos negociados segundo o sexo e a faixa etária.**

| Faixa etária | Sexo       |            | Total       |
|--------------|------------|------------|-------------|
|              | masculino  | feminino   |             |
| - 10         | 52         | 38         | 90          |
| 10-14        | 52         | 36         | 88          |
| 15-19        | 50         | 43         | 93          |
| 20-24        | 56         | 49         | 105         |
| 25-29        | 38         | 32         | 70          |
| 30-34        | 47         | 43         | 90          |
| 35-39        | 17         | 18         | 35          |
| 40-44        | 25         | 17         | 42          |
| 45-49        | 9          | 4          | 13          |
| 50-54        | 11         | 3          | 14          |
| 55 e +       | 13         | 3          | 16          |
| <b>Total</b> | <b>370</b> | <b>286</b> | <b>656*</b> |

\* Considerando apenas escravos com idade e sexo declarados.

**Gráfico 1**  
**Pirâmide etária da população escrava comercializada em Mariana:**  
**1850-1886.**



Quando analisando os gráficos das pirâmides etárias de acordo com o sexo e a nacionalidade, percebemos que os gráficos tornam-se bastantes distintos

um do outro, ficando evidente a presença majoritária de escravos crioulos entre a faixa produtiva. O gráfico 2 revela um crescimento progressivo da participação dos cativos crioulos até a faixa dos 20-24 anos, onde houve maior concentração para ambos os sexos. A base alargada da pirâmide não deixa dúvidas quanto à existência da reposição da escravidão via nascimentos.

O contrário, porém, é observado no gráfico 3 dos africanos, onde a base da pirâmide é quase inexistente. Nota-se que a maior concentração de africanos se dá na faixa acima dos 40 anos, evidenciando o envelhecimento dos mesmos, uma vez que a média de idade dos africanos foi de 41,1 anos, enquanto a idade média dos crioulos foi de 22,4 anos.<sup>9</sup>

Um dado nos chamou atenção: a presença de escravos africanos nas faixas etárias de <10 anos, 10-14 e de 20-24 anos. Procedemos a uma investigação rápida em nosso banco de dados a fim de identificar o ano em que estes escravos teriam sido comercializados, e, para nossa surpresa, verificamos que todos estes três casos se tratavam de escravos importados após a lei de 1850, que proibia o tráfico atlântico de escravos. O escravo com menos de 10 anos foi importado no ano de 1870, portanto, ele teria nascido na década de 1860. A escrava de 10-14 foi vendida no ano de 1872, de modo que ela teria nascido por volta do ano de 1856. A escrava na faixa etária de 20-24 anos da mesma forma foi vendida no ano de 1882 e teria nascido em 1856. De acordo com esses dados, podemos pensar em três explicações: ou eles foram importados ilegalmente via tráfico atlântico, ou a idade dos mesmos não condiz com a realidade, embora fosse mais comum o aumento das idades dos africanos importados para encobrir o desrespeito à lei de 1850, ou ainda a nacionalidade dos mesmos estaria errada. Contudo, a fonte por nós trabalhada não nos permite maiores conclusões.

**Gráfico 2**  
**Pirâmide etária dos escravos crioulos.**

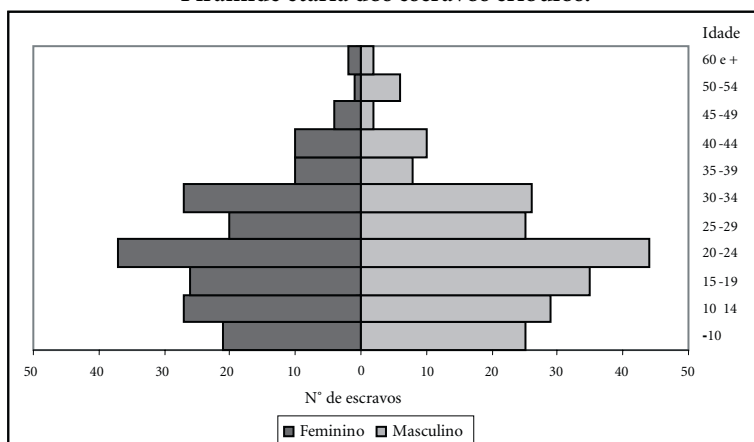
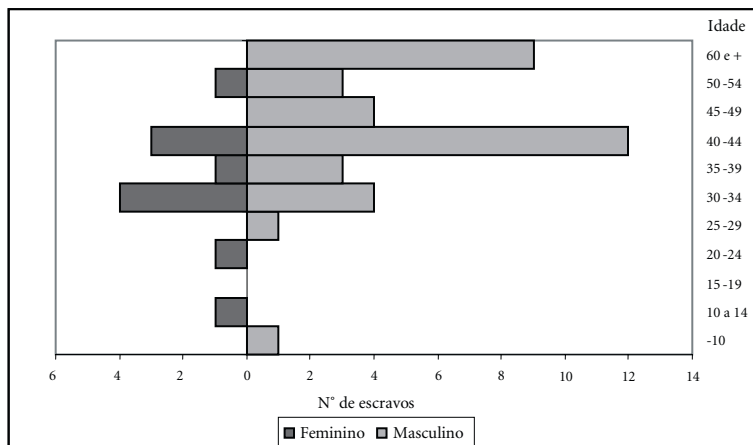


Gráfico 3  
Pirâmide etária dos escravos africanos



Para a composição da tabela 5, estamos considerando apenas os escravos com estado conjugal e sexo declarado. Dos 700 escravos negociados em Mariana entre 1850-1886, em uma parcela considerável, 495 casos (70,7%) não havia a informação do estado conjugal; dentre esses, 1 caso em que não foi possível identificar o sexo do escravo. Dos 205 escravos para os quais foi possível obter as informações completas, a maioria (75,1%) tratava-se de escravos solteiros, enquanto o percentual de casados foi de 23,4 % (48 casos). Proporcionalmente havia 1 escravo casado para cada escrava casada. Desses 48 cativos casados, 44 eram de fato casais que foram vendidos juntos. Desses, encontramos 14 casais sendo vendidos com algum filho e 8 casais comercializados juntos, porém sem a presença de filhos.<sup>10</sup> Outros 4 indivíduos eram casados, sendo 3 desacompanhados tanto de seus cônjuges quanto de filhos, e apenas 1 caso em que filho acompanhava um dos cônjuges. Quando verificamos a origem dos escravos casados em nosso banco de dados, a porcentagem dos crioulos dentre esses foi sempre maior que a de africanos: 24 crioulos e apenas 3 africanos. Os viúvos somaram apenas 1,5% do total.

Notamos que a ausência de informação sobre o estado conjugal foi mais constante nas décadas de 1850 e 1860. Em contrapartida, a década de 1870 foi onde esta e outras informações mais apareceram. Acreditamos que esse fato esteja relacionado à obrigatoriedade do registro da matrícula dos escravos por parte de seus senhores nas Coletorias municipais a partir de 1872. Os senhores eram obrigados a preencher um registro com informações sobre o cativo e a pagar uma pequena taxa

para cada escravo registrado, sob pena de perderem a posse do mesmo, como nos informa Robert Slenes: “A lei que regulava a matrícula considerava livre qualquer escravo não registrado no prazo estipulado”.<sup>11</sup> Havia uma maior precisão em se preencher os campos desse registro, do que, por exemplo, nos de compra e venda de escravos por nós pesquisados, onde muitas vezes observamos a falta de informações elementares sobre o cativo vendido.

**Tabela 5**  
**Distribuição dos escravos segundo o estado conjugal, sexo e o período da transação**

| Estado conjugal | Décadas   |      |           |      |           |      |       |      |
|-----------------|-----------|------|-----------|------|-----------|------|-------|------|
|                 | Masculino |      |           |      |           |      |       |      |
|                 | 1860-1869 |      | 1870-1879 |      | 1880-1886 |      | Total |      |
|                 | N°        | %    | N°        | %    | N°        | %    | N°    | %    |
| Casado          | 3         | 15,0 | 17        | 30,9 | 4         | 14,3 | 24    | 23,3 |
| Viúvo           | -         | 0    | 1         | 1,82 | -         | 0    | 1     | 0,97 |
| Solteiro        | 17        | 85,0 | 37        | 67,3 | 24        | 85,7 | 78    | 75,7 |
| Total           | 20        | 100  | 55        | 100  | 28        | 100  | 103   | 100  |

| Estado conjugal | Décadas   |      |           |      |           |      |       |      |
|-----------------|-----------|------|-----------|------|-----------|------|-------|------|
|                 | Feminino  |      |           |      |           |      |       |      |
|                 | 1860-1869 |      | 1870-1879 |      | 1880-1886 |      | Total |      |
|                 | N°        | %    | N°        | %    | N°        | %    | N°    | %    |
| Casado          | 3         | 17,6 | 16        | 24,2 | 5         | 26,3 | 24    | 23,5 |
| Viúvo           | -         | 0    | 2         | 3,03 | -         | 0    | 2     | 1,96 |
| Solteiro        | 14        | 82,4 | 48        | 72,7 | 14        | 73,7 | 76    | 74,5 |
| Total           | 17        | 100  | 66        | 100  | 19        | 100  | 102   | 100  |

Através da documentação por nós trabalhada, foi possível perceber a porcentagem de cativos que tiveram algum laço familiar preservado no ato da compra e venda (tabela 6). Essa porcentagem foi crescente ao longo dos anos compreendidos entre 1850 e 1886, tendo a década de 1880 chegado aos maiores percentuais: 47,9% do total de indivíduos comprados e vendidos, seguida pela década de 1870: 28,0%. Acreditamos que estes percentuais sejam resultados do cumprimento da Lei de 1871, em especial ao Art.4º, § 7º, onde havia a proibição da separação de cônjuges e os filhos menores de 12 anos do pai ou da mãe.

Notamos o inverso no que se refere aos indivíduos vendidos sozinhos, ou seja, os percentuais da população vendida sem vínculos são decrescentes à medida que avançamos pelos anos de nossa pesquisa. A década de 1850 apresentou os maiores índices: 95,8% dos escravos foram vendidos sozinhos. Em seguida, temos a década de 1860, onde 87,8% dos escravos aparecem sendo vendidos sem a companhia de algum membro da família. A partir da década de 1870, passamos a encontrar os ingênuos acompanhando suas mães nas transações, o que pode ter influenciado na diminuição dos indivíduos negociados sozinhos. Nas décadas de 1870 e 1880 os índices foram menores, representando respectivamente 72,0% e 52,1%.

De modo geral, durante todo o período da pesquisa, percebemos que o número de indivíduos negociados sozinhos, ou seja, sem qualquer ligação familiar declarada, foi sempre maior em todas as décadas: 567 indivíduos, ou 78,7% dos 720 escravos e ingênuos coletados. Por outro lado, apenas 153 indivíduos, ou 21,3% do total de casos analisados, foram encontrados com algum laço familiar preservado no ato da transação, indicando que em Mariana não teria ocorrido um comércio de famílias escravas via tráfico interno. O próprio número de escravos que foram vendidos sozinhos, 68,0% do total de 700 escravos, como vimos na tabela 1, é mais um indicativo de que em Mariana, o comércio interno de escravos significava, na maior parte do tempo, a separação entre os entes familiares.

Embora o comércio de escravos fosse um momento muito traumático e temido pelo cativo, uma vez que significava, na maioria das vezes, a separação de seus familiares e de suas comunidades de origem, nem sempre encontramos a total inação ou passividade por parte desses escravos. Pelo contrário, já existem estudos que relataram algumas manifestações por parte dos escravos na tentativa de validarem seus 'direitos' e vontades no momento da venda, transformando-as em situações mais complexas que simples trocas de mercado. Nesse sentido, um dos poucos trabalhos a lidar com essa questão das percepções e, principalmente, das atitudes dos próprios escravos diante das situações de transferência de sua propriedade, tem seu expoente em Sidney Chalhoub.<sup>12</sup> Contudo, para Mariana, ainda não há estudos sistemáticos nesta direção.

Tabela 6

Distribuição da população negociada segundo as décadas e a presença de vínculos familiares: Mariana, 1850-1886

| Décadas      | Com vínculos |             | Sozinhos   |             | Total      |            |
|--------------|--------------|-------------|------------|-------------|------------|------------|
|              | Nº           | %           | Nº         | %           | Nº         | %          |
| 1850-1859    | 3            | 4,2         | 69         | 95,8        | 72         | 100        |
| 1860-1869    | 35           | 12,2        | 253        | 87,8        | 288        | 100        |
| 1870-1879    | 81           | 28,0        | 208        | 72,0        | 289        | 100        |
| 1880-1886    | 34           | 47,9        | 37         | 52,1        | 71         | 100        |
| <b>Total</b> | <b>153</b>   | <b>21,3</b> | <b>566</b> | <b>78,7</b> | <b>720</b> | <b>100</b> |

\* Os percentuais foram calculados tendo como denominador o total de indivíduos, escravos e ingênuos, negociados em cada década. Vale notar que a categoria 'ingênuo' só surge na década de 1870, como vimos anteriormente. O percentual total foi calculado tendo como denominador o total de indivíduos encontrados nas escrituras de compra e venda de escravos.

A partir da informação da atividade produtiva desempenhada pelos escravos presentes nas escrituras de compra e venda de escravos, montamos a tabela 7 a seguir. Nota-se que dos 700 cativos registrados nas escrituras de compra e venda de escravos, obtivemos os dados de ocupação e sexo para apenas 264. Desses, a atividade que mais empregava cativo estava diretamente ligada ao ofício de roceiro: 34,6%; seguida pelos serviços domésticos (18,6%) e pela atividade de cozinheiro (a), com 15,5%. Dentre os roceiros, estão empregados preferencialmente homens (76 dos 96 escravos); já entre os serviços domésticos e cozinheiro (a), as mulheres somaram maioria: 46 e 37 dos escravos respectivamente.

Entretanto, mesmo encontrando ambos os sexos executando as mesmas tarefas (roceiros, serviços domésticos, cozinheiros, costureiros e jornaleiros), percebemos que havia certa divisão do trabalho, com dedicação majoritária, e mesmo exclusiva, de apenas um dos sexos, ou seja, o desempenho de determinadas atividades produtivas era próprio de cada sexo. Assim não encontramos nenhuma mulher desempenhando atividade de tropeiro, ferreiro, peão, sapateiro ou carreiro, por exemplo. Da mesma forma não foi descrito nenhum homem realizando tarefas de fiar, lavar ou engomar.

De modo geral, a maioria das mulheres realizava algum tipo de serviço doméstico: 110 casos se agrupamos, por exemplo, serviços domésticos, cozinheira, lavadeira, fiandeira, costureira e engomadeira. Já as tarefas que requiriam um maior grau de especialização ou força física, tais como carpinteiro, ferreiro, sapateiro ou carreiro, tinham nos escravos homens a maior força de trabalho. Vale notar ainda, que a atividade de mineração, que décadas atrás absorvia a maior parte da população escrava da região, empregava agora um número bastante diminuto de cativos: apenas 2 escravos vendidos tiveram esta atividade declarada, representando apenas 0,8% das atividades nas quais os escravos estavam empregados.

De posse das informações acima, fica evidente que as atividades agropastoris que, anteriormente, deram suporte à atividade de mineração, passaram de fato a ocupar lugar de destaque na economia da região estudada na segunda metade do século XIX, e eram justamente escravos para serem empregados nestas atividades que estavam sendo comprados em Mariana através do tráfico interno.

**Tabela 7**  
**Atividade produtiva dos escravos vendidos via tráfico interno em Mariana: 1850-1886.**

| Atividade Produtiva | Homens     |            | Mulheres   |            | Total       |            |
|---------------------|------------|------------|------------|------------|-------------|------------|
|                     | Nº         | %          | Nº         | %          | Nº          | %          |
| Serv. Domést.       | 3          | 2,3        | 46         | 34,6       | 49          | 18,6       |
| Rocceiro (a) **     | 76         | 58,0       | 20         | 15,0       | 96          | 36,4       |
| Tropeiro            | 7          | 5,3        | -          | -          | 7           | 2,7        |
| Carpinteiro         | 5          | 3,8        | -          | -          | 5           | 1,9        |
| Ferreiro            | 2          | 1,5        | -          | -          | 2           | 0,8        |
| Peão                | 1          | 0,8        | -          | -          | 1           | 0,4        |
| Sapateiro           | 7          | 5,3        | -          | -          | 7           | 2,7        |
| Mineiro             | 2          | 1,5        | -          | -          | 2           | 0,8        |
| Pajem               | 2          | 1,5        | -          | -          | 2           | 0,8        |
| Cozinheiro (a)      | 4          | 3,1        | 37         | 27,8       | 41          | 15,5       |
| Lavadeira           | -          | -          | 6          | 4,5        | 6           | 2,3        |
| Fiandeira           | -          | -          | 2          | 1,5        | 2           | 0,8        |
| Caseiro             | 6          | 4,6        | -          | -          | 6           | 2,3        |
| Costureiro (a)      | 1          | 0,8        | 18         | 13,5       | 19          | 7,2        |
| Engomadeira         | -          | -          | 1          | 0,8        | 1           | 0,4        |
| Carreiro            | 5          | 3,8        | -          | -          | 5           | 1,9        |
| Alfaiate            | 3          | 2,3        | -          | -          | 3           | 1,1        |
| Capoteiro           | 1          | 0,8        | -          | -          | 1           | 0,4        |
| Serrador            | 1          | 0,8        | -          | -          | 1           | 0,4        |
| Jornaleiro (a)      | 4          | 3,1        | 2          | 1,5        | 6           | 2,3        |
| Servente            | -          | -          | 1          | 0,8        | 1           | 0,4        |
| Campeiro            | 1          | 0,8        | -          | -          | 1           | 0,4        |
| <b>Total</b>        | <b>131</b> | <b>100</b> | <b>133</b> | <b>100</b> | <b>264*</b> | <b>100</b> |

\* Só considerando os escravos com sexo e ocupação definidos. Nos casos em que o escravo desempenhava mais de uma ocupação, optamos por considerar apenas a primeira menção. Os percentuais foram calculados tendo como denominador o total de escravos.

\*\* Fizemos a opção de agrupar as atividades que estivessem de alguma forma ligadas aos serviços de rocceiro. Assim, dentro desta categoria, encontramos: rocceiros, lavoura, lavrador, trabalhador de roça, ofício de roça e serviço de roça. Esse agrupamento permitiu perceber a importância das atividades no contexto demográfico, econômico e social.

## **O destino dos escravos negociados**

Para os objetivos deste trabalho, a identificação do local de residência dos vendedores e compradores que movimentaram o comércio de escravos na segunda metade do século XIX em Mariana foi de fundamental importância, pois permitiu verificarmos o destino dados aos escravos comercializados na região. Dessa forma, foi possível observarmos se os escravos estavam saindo ou permanecendo no município de Mariana.

Pelos dados da tabela 8, é possível perceber que o município de Mariana (sede e distritos) recebeu a maior quantidade de cativos através do tráfico interno ao longo do período estudado, registrando a compra de 396 dos 720 escravos, representando 57,5% da população cativa deslocada pelo tráfico interno. A Zona da Mata mineira recebeu o segundo maior número de escravos: 133, ou 18,5%, seguida pelos outros municípios da Metalúrgica - Mantiqueira que registrou a compra de 82 cativos (11,4%). As cidades de outras províncias foram responsáveis pela compra de 16 escravos (2,2%), enquanto outras regiões da província de Minas receberam apenas 1,7% dos escravos comercializados e registrados nos cartórios de Mariana. Para outros 63 casos (8,8%) não foi possível identificarmos ou não constava o local de residência do comprador.

Se agruparmos toda a região Metalúrgica - Mantiqueira, na qual o município de Mariana estava inserido, notamos que a região foi responsável pelo recebimento de 478 escravos (68,3%), ou seja, a região que mais teria recebido escravos comercializados no município de Mariana teria sido a própria Metalúrgica - Mantiqueira, caracterizando o tráfico regional.

Por outro lado, quando analisamos o local de residência dos vendedores a partir do número de escravos por eles negociados, os dados são surpreendentes, revelando a concentração no próprio município, ou seja, a maioria dos escravos que foram vendidos em Mariana teve como destino o próprio município, denotando um tráfico interno local. Assim, registramos a saída de 498 dos 720 escravos vendidos em Mariana, representando 71,8% das saídas. A Zona da Mata mineira foi responsável pela venda de 83 (11,5%) cativos em Mariana, enquanto de outros municípios da Metalúrgica - Mantiqueira saíram outros 66 (9,2%) escravos. Os vendedores de outras regiões de Minas que trouxeram seus escravos para serem vendidos em Mariana representaram apenas 2,2%, enquanto vendedores que trouxeram escravos de outras províncias representaram apenas 0,7%. Para outros 33 (4,6%) não foi possível identificarmos ou não constavam informações sobre o local de residência dos vendedores.

Quando agrupamos as vendas provenientes de toda a região Metalúrgica - Mantiqueira, vimos que o total de escravos que saíram da região em questão foram 564, representando 80,6% dos 720 escravos registrados. Analisando os dados por este ângulo, notamos que mesmo tendo o município de Mariana concentrado o maior número de registros, tanto de entradas (com-

pras) quanto de saídas (vendas) de escravos e, portanto, tendo concentrado o maior número de escravos, o saldo do município é negativo, ou seja, as vendas superam as compras, como vemos na tabela 8 a seguir.

**Tabela 8**  
**Local de residência dos vendedores e compradores**

| Tipo de Tráfico                         | Nº. de registros | Nº. de Esc. | Nº. de Ing. | Total      |            |
|-----------------------------------------|------------------|-------------|-------------|------------|------------|
|                                         |                  |             |             | Nº         | %          |
| Entradas (Compras)                      |                  |             |             |            |            |
| Da própria localidade                   | 143              | 258         | 11          | 269        | 37,4       |
| Outras freguesias de Mariana            | 72               | 138         | 7           | 145        | 20,1       |
| Municípios da Metalúrgica - Mantiqueira | 42               | 82          | -           | 82         | 11,4       |
| Municípios da Zona da Mata Mineira      | 48               | 132         | 1           | 133        | 18,5       |
| Outras regiões de Minas Gerais          | 10               | 12          | -           | 12         | 1,7        |
| Cidades de outras províncias            | 12               | 16          | -           | 16         | 2,2        |
| NC/Indeterminada                        | 26               | 62          | 1           | 63         | 8,8        |
| <b>Total</b>                            | <b>353</b>       | <b>700</b>  | <b>20</b>   | <b>720</b> | <b>100</b> |
| Saídas (Vendas)                         |                  |             |             |            |            |
| Da própria localidade                   | 180              | 335         | 14          | 349        | 48,5       |
| Outras freguesias de Mariana            | 73               | 163         | 5           | 168        | 23,3       |
| Municípios da Metalúrgica - Mantiqueira | 32               | 66          | -           | 66         | 9,2        |
| Municípios da Zona da Mata Mineira      | 32               | 83          | -           | 83         | 11,5       |
| Outras regiões de Minas Gerais          | 11               | 16          | -           | 16         | 2,2        |
| Cidades de outras províncias            | 3                | 5           | -           | 5          | 0,7        |
| NC/Indeterminada                        | 22               | 32          | 1           | 33         | 4,6        |
| <b>Total</b>                            | <b>353</b>       | <b>700</b>  | <b>20</b>   | <b>720</b> | <b>100</b> |

Esc.= escravos; Ing.= ingênuos.

O total, tanto de entradas quanto de saídas, tem o mesmo valor uma vez que estamos considerando o destino dado aos escravos a partir do local de residência dos vendedores (locais de onde os escravos saíam) e compradores (locais para onde os escravos estavam sendo enviados) registrados nos 720 casos em estudo.

Pelos dados da tabela 9 abaixo, podemos notar que, de fato, o município de Mariana (sede e distritos) foi o único a ter um saldo negativo: - 102 escravos no total. Quando agrupamos os municípios da região Metalúrgica - Mantiqueira, incluindo Mariana, vemos que o saldo ainda continua a ser negativo: - 87. Dessa forma, vemos que, mesmo tendo sido comercializado o maior número de escravos em Mariana, e por sua vez na região Metalúrgica - Mantiqueira, como foi visto na tabela 8, o número de escravos vendidos supera o número de escravos comprados. Com base nesses dados, pode-

mos afirmar que, ao contrário do que os estudos mais recentes têm apontado teriam ocorrido perdas, ainda que não muito significativas, de escravos na região da Metalúrgica - Mantiqueira. Por outro lado, a Zona da Mata mineira teve o maior saldo positivo dentre todas as regiões identificadas: + 49 cativos, indicando que esta região, possivelmente, teria se beneficiado com as vendas de escravos em Mariana.

Nossas conclusões reforçam a importância e a necessidade no investimento em estudos regionais, que se proponham a testar as considerações e formulações gerais presentes na historiografia mineira, não só em relação ao tema do tráfico interno, mas a muitos outros ainda poucos explorados e esclarecidos à luz de estudos mais pontuais, sobretudo durante a segunda metade do século XIX.

**Tabela 9**  
**Saldo das regiões de acordo com as entradas e saídas de escravos e indígenas em Mariana.**

| <b>Regiões</b>                        | <b>Saldo (E-S)<br/>Escravos</b> | <b>Saldo (E-S)<br/>Escravos + indígenas</b> |
|---------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------------------|
| Da própria localidade                 | -77                             | -80                                         |
| Outras freguesias de Mariana          | -25                             | -23                                         |
| Municípios da Metalúrgica-Mantiqueira | +16                             | +16                                         |
| Municípios da Zona da Mata Mineira    | +49                             | +50                                         |
| Outras regiões de Minas Gerais        | +1                              | -4                                          |
| Cidades de outras províncias          | +11                             | +11                                         |
| NC/Indeterminada                      | +4                              | +30                                         |

(E-S) = entradas menos saídas

## **Notas**

<sup>1</sup> Agradeço ao Instituto Cultural Amílcar Martins (ICAM) pela bolsa de pesquisa ICAM-USIMINAS que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

<sup>2</sup> Mestranda em História - UFJF

<sup>3</sup> Em estudos sobre o tamanho da população escrava em Minas Gerais durante a segunda metade do século XIX, Douglas C. Libby compara as porcentagens de escravos presentes em todas as regiões da província, e acredita terem ocorrido transferências inter-regionais de escravos a partir dos dados de sua amostragem. O autor desconfia que a região da Zona da Mata mineira tenha se beneficiado com as possíveis "exportações" de escravos da região Metalúrgica - Mantiqueira - e de outras regiões que registraram perdas semelhantes na proporção de escravos. LIBBY: 1988, p. 48-52. Para a discussão referente ao envio de escravos "redundantes" ou "subutilizados" na mineração para as áreas mais dinâmicas, como as que desenvolviam a cafeicultura, ver, por exemplo: MATTOSO: 1982, p. 59-63; GORENDER: 1988, p. 325, 330-331; COSTA: 1989, p. 61-63. Por outro lado, estudos mais recentes têm apontado que os municípios da antiga região mineradora não teriam perdido

seus escravos para outras regiões tidas como mais dinâmicas; pelo contrário, esses municípios estariam ganhando e mesmo mantendo sua mão-de-obra escrava. MARTINS: 1982, p. 20-31.

<sup>4</sup> Nesse total, há casos de escravos que foram objeto de mais de uma transação.

<sup>5</sup> Arquivo da Casa Setecentista de Mariana, a partir daqui ACSM, livros de registros de compra e venda de escravos, livro 1, 1º ofício, folha 27.

<sup>6</sup> ACSM, livros de registros de compra e venda de escravos, livro 2, 1º ofício, folha 30.

<sup>7</sup> ACSM. Registros de compra e venda. Livro 1, 2º ofício, folha 31 verso. Os seis escravos eram: Joaquim, africano, 45 anos; José, africano, 50 anos; Paulo, africano 57 anos; Adão, africano, 60 anos; Camilo, africano, 63 anos e Luís, crioulo, 50 anos. Não havia especificação do preço individual que valia cada 'parte' ideal do cativo negociado, assim, se fizermos uma média, cada 'parte' que o vendedor possuía em cada cativo teria o preço de 225\$000.

<sup>8</sup> Estudando a reprodução e as famílias escravas em Mariana na segunda metade do século XIX, Heloísa Maria Teixeira encontrou uma porcentagem de 26,9% de escravos de 0-14 anos presentes nos inventários *post mortem* amostrados em sua pesquisa. Segundo a autora, "a porcentagem de crianças nos plantéis de Mariana era a maior comparada a outras localidades". Por exemplo, Teixeira cita os dados de estudos existentes para Franca, Magé, o Norte de Minas e Bananal, onde a presença de crianças escravas correspondeu a respectivamente 16,7%, 21,0%, 20,9% e 25,5%. TEIXEIRA, Heloísa Maria. *Reprodução e família...* op. cit., p. 63.

<sup>9</sup> Para este cálculo, consideramos apenas a população escrava vendida com idade a partir de 1 ano e origem declarada. Encontramos um total de 394 crioulos e 48 africanos.

<sup>10</sup> Vale notar que não é possível sabermos se eram todos os filhos que o casal possuía que estavam sendo vendidos na companhia dos pais declarados casados. O mesmo vale para o caso de cônjuge vendido sem a presença de filhos, uma vez que poderia indicar tanto que ocorrera separação de algum membro da família anteriormente, quanto indicar que o escravo declarado casado, de fato, não possuía filho(s). Contudo, a fonte por nós trabalhada não se trata da mais adequada para abordar esse tema.

<sup>11</sup> SLENES: 1983, p. 127. As matrículas dos escravos passaram a ser a única garantia da posse de escravos a partir de então. Essa medida foi uma forma encontrada pelo governo para fiscalizar o uso e a transmissão da propriedade escrava. Assim, após a data de sua implantação (1872), não é difícil encontrarmos cópias desses registros de matrículas em inventários e mesmo nos registros de compra e venda de escravos, para servirem de prova da posse do cativo a que esse registro se referia. Em nossa pesquisa, procuramos incorporar os dados encontrados nas cópias das matrículas presentes em muitos registros de compra e venda após 1872.

<sup>12</sup> CHALHOUB: 1990, cap. 1. Neste livro, utilizando-se principalmente de processos criminais e de ações de liberdade, o autor dedicou-se ao estudo do processo de abolição da escravidão na Corte e encontrou diferentes definições de liberdade e de cativo dado pelos próprios escravos.

## Bibliografia

ALMEIDA, Carla Maria C. de. **Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana - 1750 -1850.** Dissertação (Mestrado em História), Niterói: UFF, 1994.

ANDRADE, Rômulo. Havia um mercado de famílias escravas? (A propósito de uma hipótese recente na historiografia da escravidão) In: **Locus: Revista de História.** Juiz de Fora: UFF, 4(1): 93-104, 1998.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Satepb, 1971.

CANO, Wilson. & LUNA, Francisco Vidal. A reprodução natural dos escravos em Minas Gerais (século XIX): uma hipótese. **Cadernos IFCH-UNICAMP**, 10: 1-14, nov. 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana, PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. **Os métodos da história: introdução aos problemas, métodos e técnicas de história demográfica, econômica e social**. Tradução de João Maria. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CARVALHO, Theophilo Feu de. **Comarcas e termos. Creações, supressões, restaurações, incorporações e desmembramentos de comarcas e termos, em Minas Gerais. (1709-1915)**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1922.

CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1500-1888**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Instituto Nacional do Livro, 1975.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FLORENTINO, Manolo Garcia. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro - séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GONÇALVES, Andréa Lisly. Algumas perspectivas da historiografia sobre Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. In: **Termo de Mariana: história e documentação**. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998.

GORENDER, Jacob. **Escravidão colonial**. São Paulo: Ática, 1988.

LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MACHADO, Cláudio Heleno. **Tráfico interno de escravos na região de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX**. X Seminário de Economia Mineira. Diamantina, 2002.

MARTINS, Roberto Borges. **A economia escravista da Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982. (Texto para Discussão, 10).

MARTINS, Roberto Borges. "Minas Gerais, século XIX: tráfico e apego à escravidão numa economia não-exportadora". In: **A economia mineira no século XIX**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1980.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOTTA, José Flávio. Escrituras de venda de escravos (Guaratinguetá, 1872-4/1878-9). In: **II Encontro Nacional de Economia Política**. São Paulo: PUC/SP, 1997.

PAIVA, Clotilde Andrade. **População e economia nas Minas Gerais do século XIX**. Tese. Doutorado em História. São Paulo: USP, 1996.

PARREIRA, Nilce Rodrigues. **Comércio de homens em Ouro Preto no século XIX**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1990. (mimeo.).

SILVA, Ana Rosa Cloclet da. Tráfico interprovincial de escravos e seus impactos na concentração da população na província de São Paulo: século XIX. In: **VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais da ABEP**. Brasília: 1992. V.1, p.341-366.

SLENES, Robert W. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX. In: **Estudos Econômicos**. São Paulo, v.18(3): 449-495, set./dez. 1988.

SLENES, Robert W. Grandeza ou decadência? O mercado de escravos e a economia cafeeira da província do Rio de Janeiro, 1850-1888. In: COSTA, Iraci del Nero da. (org.) **Brasil: história econômica e demográfica**. São Paulo: IPE/USP, p. 103-155, 1986.

TEIXEIRA, Heloísa Maria. **Reprodução e famílias escravas de Mariana: 1850-1888**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2001.